

## **IDENTIDADE, CORPO E BELEZA**

Autor: Monyke do Nascimento Crispiniano<sup>1</sup>

*Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)*

E-mail: [monykemnc@gmail.com](mailto:monykemnc@gmail.com)

Co- Autora: Maria Helena Tuanne Queiroz<sup>2</sup>

*Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)*

E-mail: [helenaqueiroz93@gmail.com](mailto:helenaqueiroz93@gmail.com)

Orientadora: Rozeane Albuquerque Lima

*Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco (PPGH/UFPE)*

E-mail: [rozeanelima@gmail.com](mailto:rozeanelima@gmail.com)

**RESUMO:** O presente trabalho é um recorte das pesquisas realizadas para o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de Licenciatura Plena em História, que buscou analisar no terceiro capítulo a construção da identidade da Mulher Negra através do corpo e beleza. Nesse artigo, nosso objetivo é tecer uma breve análise de como se configurava a imagem da mulher no decorrer de cada tempo histórico, por meio das representações em torno de discursos que lhes eram atribuídas à época. Dessa forma, o que estamos propondo neste artigo é compreender, de um modo geral, como resultou a construção e desconstrução da identidade da mulher sob os aspectos das representações em cada tempo histórico e, posteriormente, a identidade da mulher negra na contemporaneidade a partir das imagens colocadas e música trabalhada, evidenciando uma discussão que se enquadra na constituição da beleza negra.

**Palavras chaves:** Mulher Negra, Identidade, Corpo e Beleza.

---

<sup>1</sup> Aluna do curso de Graduação em História da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Bolsista PIBID/CAPES.

<sup>2</sup> Aluna do curso de Graduação em História da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Bolsista PIBIC/CNPQ.



## INTRODUÇÃO

A trajetória da mulher negra é marcada por lutas e resistências, suas lutas são comprometidas, através do resgate das suas histórias, elas recriam a tentativa de buscar mudanças, sobretudo, a partir da construção de sua identidade. Nesse processo de construção de identidade, a mulher negra vivenciou experiências distintas das mulheres brancas, isso se esclarece desde o período escravocrata, ao pós-abolição, assim como na diferenciação das reivindicações em torno da mulher e da mulher negra na ótica dos movimentos sociais. Com a derrocada do Movimento Negro Unificado (MNU), as mulheres feministas negras, ganham espaços na sociedade, interligando as questões de gênero e racial.

O presente trabalho é um recorte das pesquisas realizadas para o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de Licenciatura Plena em História, que buscou analisar no terceiro capítulo a construção da identidade da Mulher Negra através do corpo e beleza. O que estamos propondo neste artigo é compreender, de um modo geral, como resultou a construção e desconstrução da identidade da mulher sob os aspectos das representações em cada tempo histórico e, posteriormente, a identidade da mulher negra

na contemporaneidade a partir das imagens colocadas e música trabalhada, evidenciando uma discussão que se enquadra na constituição da beleza negra. No presente trabalho utilizaremos como aporte teórico, as contribuições do jamaicano Stuart Hall (2000 e 2014); Caderno Geledés IV (1993); Gomes (2008); Braga (2013); Barth (1988).

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

“... a identidade feminina é hoje, antes de tudo, um projeto em construção...”  
(CARNEIRO, 1989 apud Caderno Geledés IV, 1993, p. 09).

A identidade construída sobre e pela mulher perpassa vários tempos históricos, as mudanças nos discursos criam e recriam nossa identidade. Em seu artigo “Quem precisa de identidade”, o jamaicano Stuart Hall (2000) afirma que a “identidade” é um dos conceitos chave mediante a desconstrução, “sob rasura”.

Na pré-história a mulher estava associada à figura materna e o discurso sobre seu corpo como símbolo do que é belo foi sendo caracterizado pelos quadris largos possuídos, sua representação ligava-se à maternidade, como prova disso, temos a representação da



Vênus de Willendorf<sup>3</sup>; Na Antiguidade clássica, notamos a mulher sendo representada pelos seus atributos estéticos, carregando em si, uma sensualidade, trazendo uma visão harmoniosa sobre seu corpo; na Idade Média, a beleza colocava a mulher com a imagem e semelhança ao Diabo, pois, segundo Lipovetsky (2000, apud BRAGA, 2013, p.59) “o corpo da mulher assumia o corpo do demônio, lugar do pecado: “porta do diabo, poder tentador”; Na Idade Moderna, a representação da mulher é construída pelo corpo e pela beleza, visto que, o nu em si, impregnava um discurso entre a comparação da mulher com a condição de anjo, caracterizado pelo Renascimento, fato que desconstruiu a representação associada ao diabo na Idade Média (BRAGA, 2013). As identidades adquiridas ao longo do tempo histórico sobre a representação da mulher, nos levam, a concepção de Hall (2000) “As identidades são, pois, pontos de apego temporário às posições-de-sujeito que as práticas discursivas constroem para nós” (HALL, 1995, apud HALL, 2002, p. 112).



<sup>3</sup> A Vênus de Willendorf é uma estatueta com 11,1 cm de altura, sua representação é colocada com o corpo exagerado tanto nos seios quanto aos quadris, entendia-se que ter um corpo ‘farto’ era tido como símbolo de procriação para as mulheres.

### **A construção da identidade da mulher negra**

Braga (2013) afirma, “Se queremos entender um tanto sobre a representação da beleza negra atual, esquecer os olhos sob a história de uma estética africana em tempos de Brasil escravocrata é o primeiro passo”(BRAGA, 2013, p. 55). A partir dessa afirmação, formulamos dois questionamentos: o primeiro, se refere a entender o motivo de vedar nossos olhos sobre a estética negra no período supracitado; o segundo, saber em qual período poderemos lançar nosso olhar retrospectivo, para entender a representação de uma beleza negra atual.

Na construção de uma identidade nacional, o campo literário nos fornece indícios do que viria a ser representado o povo brasileiro. Através de obras literárias, citemos *Iracema*, de José de Alencar, 1865; *O mulato*, de Aluizio de Azevedo, 1881; *Macunaíma* de Mário de Andrade, 1928 e *Casa grande e senzala* de Gilberto Freire, 1933, todos tidos como símbolos das representações do que viria a ser o brasileiro<sup>4</sup>.

No período escravocrata, no interior daquele sistema, estava posta, na negra, uma representação sobre a construção de sua identidade, pautada, também pelo o

<sup>4</sup> O contexto foi colocado com base numa apresentação de Power Point, intitulado como ‘As questões étnico-raciais’ da professora Mst. Rozeane Albuquerque Lima. Aula de estágio supervisionado II. (UEPB) 2015.



reconhecimento do seu corpo, quanto aos serviços sexuais. Nesse sentido, as particularidades do corpo, a partir das descrições feitas sobre quadril, seios, cabelo, tom de pele, as submetiam aos anúncios de jornais de vendas de escravos na época (BRAGA, 2013).

Nesse sentido, olhar a estética da mulher negra atual sobre o período escravocrata, faria com que estivéssemos vendando nossos olhos frente às políticas afirmativas e os espaços construídos alcançados pela mulher negra, no cenário brasileiro, sobretudo, a partir da segunda metade da década de 80 do século XX, no cenário brasileiro, a qual nos traz a Constituição Brasileira; e sobretudo, o cenário da globalização.

Stuart Hall (2014) afirma que quanto mais a vida social se torna mediada pelo cenário global, mais nossas identidades tornam-se fluidas, e, por sua vez, nos coloca em confronto com identidades diferentes, que interferem em diferentes partes de nós (HALL, 2014).

Na construção de sua identidade, a mulher negra vivenciou e presenciou experiências distintas das mulheres brancas, isso se esclarece desde o período escravocrata, ao pós-abolição, assim como na diferenciação das reivindicações em torno da mulher e da mulher negra na ótica dos movimentos sociais, as distinções acontecem

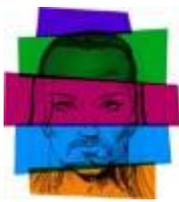
tanto no processo de história de vida; quanto ao meio social que estavam inseridas.

Nosso olhar retrospectivo se dá a partir da derrocada do Movimento Negro Unificado (MNU), criado em 1978. Sobretudo, as mulheres negras ganham espaços na sociedade, colocando a questão de gênero e racial interligadas, com base em um discurso diferenciado que era provido pelo Movimento Negro e Movimento Feminista, fortemente a partir da segunda metade da década de 80 do século XX.

A constituição da beleza negra como símbolo da identidade se pauta por duas questões principais: *corpo* e *cabelo*, tal como Gomes (2008) trabalhou no seu livro sobre os aspectos do campo político, social, simbólico e identitário, ou seja, esse conjunto de aspectos são postos a partir desses dois símbolos: o *corpo* e o *cabelo* que adquirimos.

Em suma:

Os conceitos de beleza negra – igualmente rarefeitos – estão respaldados pela história, mas também atravessados pelos discursos da mídia, da moda, do mercado, da política, do consumo, da globalização [...] eles estampam as capas da revista, as páginas da internet, ganham as ruas, as passarelas, os programas da TV, os debates políticos (BRAGA, 2013, p.176).



## XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES  
DE GÊNERO E SEXUALIDADES



Figura 1 Capa da 'Playboy' de janeiro de 1979<sup>5</sup>

A capa da Playboy de janeiro de 1979, traz a modelo americana Darine Stern (1948-1994), que foi a primeira mulher negra estampada na capa da revista, sentada na cadeira que transpõe o símbolo da PlayBoy. Na capa, ao lado esquerdo, percebemos manchetes que envolvem os discursos sobre: a trajetória ilustrada do sucesso de uma revista do grande público masculino; transpõe também, entrevista; e um concurso na qual o ganhador, teria que procurar uma garota “bem sensual” como é colocado na capa,

<sup>5</sup> Fonte:

<<http://garotadaplayboy.blogspot.com.br/2012/01/paly-boy-darine-stern-janeiro-1979.html?zx=eb008850d4358bf6>>. Acesso em 12 de Abril de 2016.

para que conseguisse o primeiro lugar. No entanto, o que nos interessa a ser trabalhado na capa exposta, diz respeito às três manchetes ao lado direito: a primeira, relacionada à comemoração pelos vinte e cinco anos da revista; a segunda, sobre as mulheres mais desejadas do mundo nos últimos vinte e cinco anos, dentre elas, tal como é abordado no interior da revista, estão presentes: *Brigitte Bardot*; *Ursula Andress*; *Jayne Mansfield*; *Marilyn Monroe* e *Veruschka*; e na terceira manchete, a imagem de *Candy Loving* no pôster central.

No interior da revista, ao ver esses nomes e ao comparar com o nome de quem está na capa, percebemos que a única mulher negra, é a americana *Darine Stern*, com seu cabelo black e que, por sua vez, quando se trata das mulheres mais desejadas do mundo, o padrão de beleza que sobressai, diz respeito à mulher branca, com rosto afilado, magra, de cabelos lisos ou ondulados.

Falar em corpo e cabelo nos remete aos padrões de beleza. A beleza ainda se submete aos padrões etnocêntricos, sendo construída de uma forma homogênea com o padrão europeu. A identidade da mulher negra vai sendo construída por um tenso movimento que passa por negação e aceitação, carregando valores negativos ou positivos na sua construção (GOMES, 2008).



Dos momentos de negação/afirmação que transpõe ao longo da trajetória de vida da mulher negra, os discursos que são construídos sobre os símbolos de sua identidade negra, são muitas vezes estereotipados. Nesse sentido, a partir dos discursos colocados a seguir, possivelmente algum deles esteve presente no processo de formação da identidade da mulher negra.

Nossa...

Que lábios grossos você tem!

Que pele escura você tem!

Que quadril largo você tem!

Que cabelo 'bombril', 'duro', 'feio' você tem!

Nesse sentido, Gomes (2008) aborda um relato de uma auxiliar de enfermagem:

[...] Uma coisa que eu não aguentava em mim era a minha boca, eu achava que ela era muito grande, meus lábios muito grossos, principalmente quando a gente é criança, parece que tudo sobressalta, principalmente a boca, quando a gente é criança, é maior, mas quando a gente vai crescendo, vai virando mocinha, a gente ia vendo que aquela boca está se transformando [...] (V, apud, GOMES, 2008, p. 229).

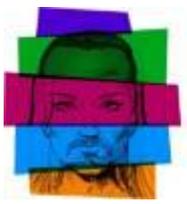


Figura 2 Lupita Nyong'o – Lancôme – L'Absolu Rouge @ Divulgação<sup>6</sup>

[...]Hoje, passo batom vermelho, sem economia, nessa minha boca beijuda, sem botox! Minha boca é linda. Nossas bocas são lindas, nossos beijos desejados e imitados. Verdade seja dita [...] se o céu é do avião, beijo e bunda são coisas de negros! (SILVA, 2007, p. 34, apud BRAGA, 2013, p.195).

A figura acima representa uma campanha da revista Lancôme PARIS, do ano de 2014, que traz a linha 'L'Absolu Rouge' com à Lupita Nyong'o na foto de divulgação. Vemos que o que está sendo colocado em jogo aqui diz respeito ao novo produto de cosmético, comprado e desejado por muitas mulheres: o batom. Nesse sentido, esta sendo divulgada a linha 'L'Absolu Rouge' e sendo colocado nos lábios grossos da mulher negra, somadas à beleza estampada no cabelo curto e crespo, aumenta de fato seus lábios, assim como traz

<sup>6</sup> Fonte: <<https://mondomodora.org/2014/11/09/lupita-nyong'o-na-campanha-da-lancome>>. Acesso em 15 de Abril de 2016.



sensualidade na fotografia, pois a atenção se concentra na boca volumosa desejada por muitas mulheres.

Quando voltamos para o relato que Gomes (2008) aborda, anterior à imagem, e à citação colocada abaixo da imagem, percebemos que, os lábios grossos carregados pelas mulheres negras, tornam-se símbolo de desejos. No primeiro momento, temos um relato de infância que traz a negação por parte do sujeito, e no segundo momento, temos a afirmação de uma mulher adulta e negra, que consegue usufruir de uma aceitação.

O corpo é uma linguagem que carrega dentro de si suas particularidades, o cabelo; a boca; o modo que nos vestirmos é vivido e visto em cada cultura de forma diferente. Nesse sentido, um dos signos que se tem mais visibilidade em nosso corpo, é o cabelo, pois sua simbologia difere de cultura pra cultura, obtendo um modo particular de se ter uma representação de identidade (GOMES, 2008).

O cabelo sempre foi sinônimo de linguagem, sendo uma riqueza para o africano, pois, desde o surgimento da civilização africana, o estilo que as pessoas usavam, seria como símbolo para identificar seu pertencimento à identidade étnica, seus status social, seu estado civil e sua origem geográfica (BRAGA, 2013).

No entanto, optar por enfatizar um nível de identidade entre os vários fornecidos pela

organização social tradicional, denota que todos têm traços que os tornam uma identidade étnica, assim como o conteúdo cultural das dicotomias étnicas aparecem em: traços que as pessoas procuram e exibem para demonstrar sua identidade, tais como o vestuário, a língua, a moradia, ou o estilo de vida. Logo, as diferenças culturais podem permanecer apesar do contato inter-étnico e da interdependência dos grupos (BARTH, 1988).

Lançando um olhar para o signo que traz mais visibilidade ao nosso corpo, o cabelo, podemos observar na primeira imagem colocada nesse capítulo, a forma como *Darine Stern* se representa na capa da *PlayBoy*, portando um cabelo *Black Power*, o que difere do cabelo curto, crespo e moderno usado pela Lupita Nyong'o, na revista *Lancôme PARIS*.

O cabelo *Black Power* representado por *Darine Stern*, no ano de 1978, nos remete aos padrões que estavam sendo impostos como 'moda' naquela década, carregados pelo conceito político a partir da década de 1960, pelos negros como movimento de contestação. O cabelo *Black Power*<sup>7</sup> é um

<sup>7</sup> O movimento dos Panteras Negras nos Estados Unidos e o Movimento de Consciência Negra na África do Sul, nas décadas de 60 e 70, rejeitaram os padrões estéticos colocados como norteador: o padrão europeu e exaltaram a beleza africana, através dos traços físicos que remetiam suas marcas identitárias. Assim como construíram estratégias políticas que tinham como intuito combater todo o racismo colocados sobre eles.



cabelo em cortes redondos ou quadrados e que possuem uma textura como um “crespo natural”, ou seja, cheio. Logo, atribuir ao cabelo crespo um símbolo de beleza, evidencia uma luta anti-racista retirando o negro do estigma de inferioridade (GOMES, 2008).

“Os padrões desfazem-se em diversos outros, que nascem de outros discursos, que carregam novos sentidos, que constroem novas identidades”(BRAGA, 2013, p. 207), assim como se reconstituem como surgimento para uma nova identificação. Tal como Del Priore (2013) afirmou, no início do século XXI, a mulher acaba se colocando à serviço do próprio corpo e a mídia passa a definir padrões de beleza.

Nesse sentido, no trecho da música seguinte, Sandra de Sá traz uma crítica na música “Olhos coloridos” sobre as discussões que se constituíram até o momento desse capítulo, como podemos ver a seguir:

*Os meus olhos coloridos  
Me fazem refletir  
Eu estou sempre na minha  
E não posso mais fugir...  
Meu cabelo enrolado  
Todos querem imitar  
Eles estão baratinado  
Também querem enrolar...  
Você ri da minha roupa  
Você ri do meu cabelo  
Você ri da minha pele  
Você ri do meu sorriso...  
[...]*

Na primeira estrofe da música, podemos refletir sobre os muitos silenciamentos que já fizeram presentes no decorrer da vida da mulher negra, quando estes, vinculam-se sobre os olhares negativos quanto à sua corporeidade. Na segunda estrofe, se tem uma reflexão, quanto à relação do *cabelo*. E os processos de transição que muitas mulheres passam. Nos versos da terceira estrofe, é colocado o *riso* tanto em relação à vestimenta provida de uma cultura africana, quanto ao corpo e suas particularidades, neste caso: o *cabelo*; a *cor da pele* e o *sorriso*. O *cabelo* sendo como um divisor de águas, que nos leva a uma negação ou a uma afirmação/aceitação; a *pele*, no sentido das desigualdades sociais desde o período escravocrata aos dias atuais; e por fim, o *sorriso* o que nos leva à abordagem referente à questão dos lábios, tal como foi abordado a partir da propaganda de beleza da revista Lancôme Paris.

Na construção da identidade da mulher negra podemos notar que as mulheres negras vivenciaram situações diferenciadas das mulheres brancas. Sua identidade foi sendo construída com os estigmas de inferioridade, colocada pelo racismo e transmitidos em forma de atos preconceituosos no decorrer do cotidiano.

## CONCLUSÃO



A constituição da beleza negra como símbolo da identidade teve fundamento neste trabalho pelas abordagens no que concerne ao corpo e cabelo, significando como símbolo de maior visibilidade no nosso corpo na construção da identidade do sujeito. Entendemos como foi sendo construída a identidade da Mulher Negra de uma forma breve, por meio da discussão em tono de publicações através de Revista, propaganda de beleza e música, nas quais se transformaram em debate teórico para compreensão de como a imagem da mulher negra é construída na atualidade.

## REFERENCIAS

Mulher Negra. **Cadernos Geledés - Instituto da Mulher Negra** (Programa de Comunicação). São Paulo, 1993. Relançamento da coleção esgotada dos Cadernos Geledés, 2011.

Sites consultados

<<https://www.youtube.com/watch?v=QQ3yhCVZqec>>. Acesso em 30 de Abril de 2016.

<<https://mondomoda.org/2014/11/09/lupita-nyongo-na-campanha-da-lancome>>. Acesso em 15 de Abril de 2016.

HALL, Stuart. **Quem precisa de identidade?** In: SILVA, Tomaz Tadeu. (Org.). *Identidade e diferença – a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 103-133.

Braga, Amanda. **Retratos em preto e branco: discursos, corpos e imagens em uma história da beleza negra no Brasil** / Amanda Braga.-- João Pessoa, 2013.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva & Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.

Gomes, Nilma Lino. **Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra**. -2. Ed. – Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

Revista Playboy de janeiro de 1979

Del Priore, Mary, 1952-**Conversas e histórias de mulher** / Mary del Priore. - 1. ed. - São Paulo : Planeta, 2013. 312 p.

BARTH, Fredrik; **Grupos étnicos e suas fronteiras**. In: poutignat, Philippe. *Teorias da Etnicidade*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1988.